

2 História do *Jornal do Brasil*: concepção e trajetória até a primeira metade do século XX.

Neste capítulo será abordada a história do *Jornal do Brasil* desde sua fundação até meados do século XX, período que abrange o recorte desta pesquisa. Para isso serão utilizadas informações obtidas na revisão bibliográfica e nas observações feitas durante a pesquisa nas edições originais impressas, disponíveis na Biblioteca Nacional. É relevante observar a importância dessas informações adquiridas no próprio jornal, já que a partir delas foi possível comentar as características gráficas dos itens citados e confirmar ou refutar as informações disponíveis na bibliografia tradicional.

2.1 Concepção e turbulências

A história do *Jornal do Brasil*, especialmente nos seus primeiros anos, é indissociável da história da República brasileira, uma vez que o mesmo foi concebido em meio a um período conturbado de consolidação do novo regime. O *Jornal do Brasil* foi fundado no dia 9 de abril de 1891, por Rodolfo de Souza Dantas, menos de dois anos após a proclamação da República (**figura 1**). Sua redação se instalou na Rua Gonçalves Dias, número 56, contava com a direção de Dantas, a gerência de Henrique de Villeneuve e a chefia de redação de Sancho de Barros Pimentel. Seu fundador era ex-Ministro do Império (29º Gabinete, 1882) e o dia de seu lançamento foi escolhido por ser o 60º aniversário do *Te-Deum*¹ em ação de graças pela aclamação de D. Pedro II como Imperador. Contrariando as evidências, o periódico declarou em sua primeira edição que “apesar de não ter contribuído para a

¹ Te-Deum é um hino litúrgico católico atribuído a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho, iniciado com as palavras “Te Deum Laudamus” (A Ti, ó Deus, louvamos).

JORNAL DO BRAZIL

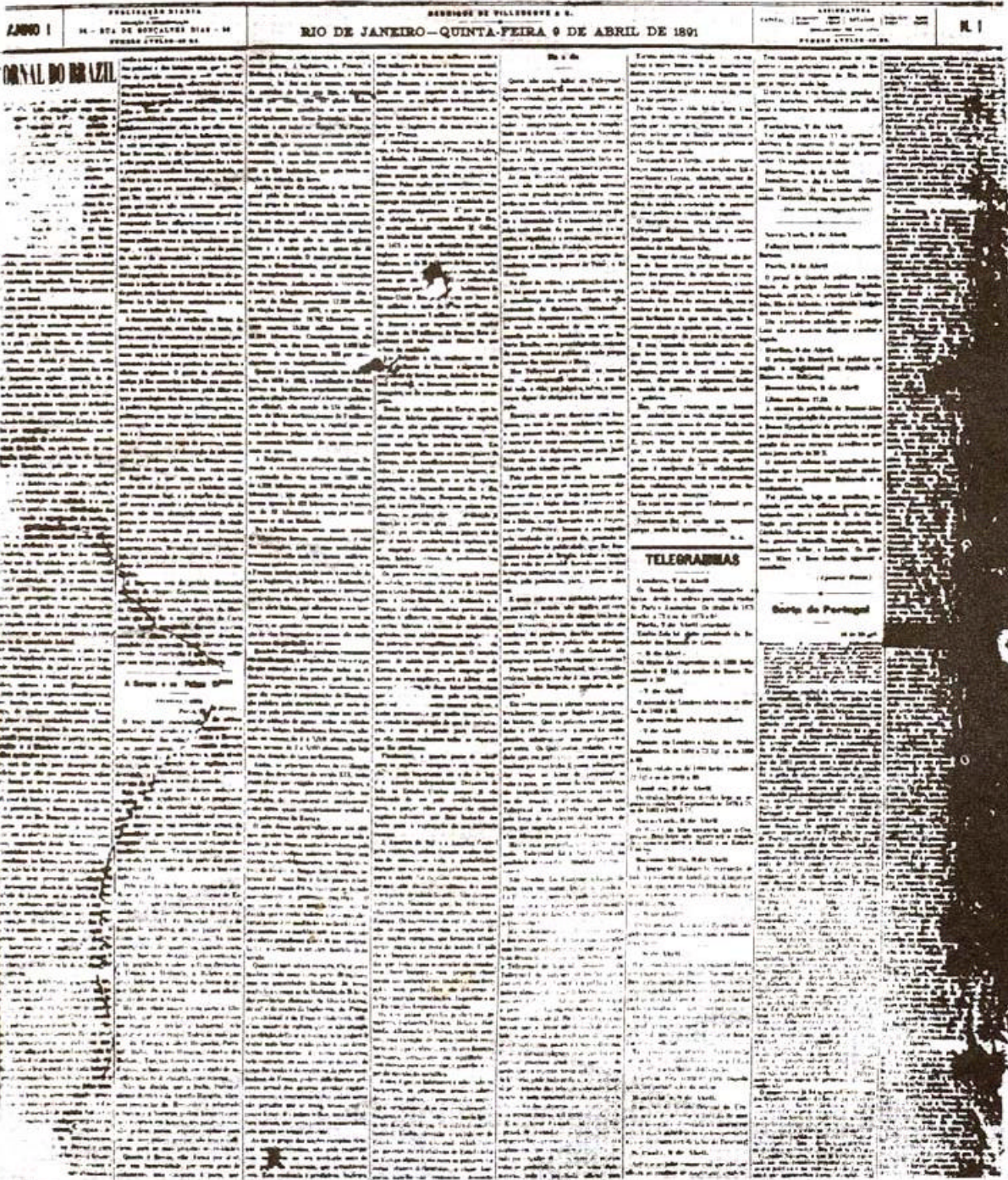


Figura 1 – Capa da edição inaugural em 1891.

implantação da república, considerava um dever de patriotismo ajudar na sua consolidação”. O *Jornal do Brasil* nasceu monarquista, apesar do cuidado em informar de maneira imparcial para não sofrer repressão do governo (Silva, 1988: 42-3; Sodré, 1999: 256-7).

A postura do *Jornal do Brasil* era moderada em relação à sua luta ideológica, pois surgiu fortemente capitalizado e com intenção de vida longa, não pretendia ser liquidado pelo governo como aconteceu com vários pasquins monarquistas. Contou com diversos colaboradores de prestígio sem clara vinculação ao monarquismo militante, como José Veríssimo, Said Ali e Rio Branco. Durante um tempo o jornal oscilou entre atitudes mais ou menos engajadas, testando os limites do aceitável. Com a chegada de Joaquim Nabuco para chefiar a redação em junho de 1891, quando voltou da Inglaterra onde era correspondente, intensificaram-se as críticas ao regime de governo, foi publicada, além de outras coisas, uma série de artigos intitulados “Ilusões Republicanas” e “Outras Ilusões Republicanas”. O jornal foi ameaçado e ainda assim continuou com a campanha criticando o adesismo ao novo regime (Silva, 1988: 44).

No final do ano, o jornal deu destaque à morte de D. Pedro II em Paris e incitou uma campanha monarquista. Até que no dia 16 de dezembro, a redação foi invadida; aos gritos de ordem para matar Nabuco, as oficinas foram depredadas. Ao pedir garantias ao governo, o jornal recebeu a informação de que não seria possível garantir a vida de jornalistas que trabalhavam para jornais monarquistas. Diante disso, Dantas anunciou que junto com Nabuco e Sancho de Barros Pimentel, deixava o jornal que passou para novos proprietários. Henrique de Villeneuve assumiu a direção do periódico e Ulisses Viana a redação. Em 1892 a chefia de redação foi assumida por Constâncio Alves, que substituiu Ulisses Viana. Este não concordava com a atitude de Villeneuve em continuar se posicionando como monarquista frente às ameaças do governo. Foi um ano de crise, superada em 1893 quando o jornal passou a ser uma sociedade anônima, cujos sócios, em sua maioria, haviam sido titulares do Império. Assim, Ulisses Viana voltou à redação, e o periódico novamente se declarou imparcial (Silva, 1988: 44-5).

Desde o princípio, o *Jornal do Brasil* adotou uma postura empresarial inovadora, enviando correspondentes estrangeiros para Alemanha, França, Itália, Bélgica, Estados Unidos, Portugal e Inglaterra. Também inovou quando em 1893

publicou uma seção destinada à mulher, de autoria de Clotilde Doyle, sob o pseudônimo de Branca, fato inédito na imprensa brasileira, e, no ano seguinte, lançou a coluna “Kinetoscópio”, que veiculava aos domingos e era dedicada ao cinema **(figura 2)** (Silva, 1988: 48; Sodré, 1999: 257).

Em maio de 1893 o *Jornal do Brasil* passa a ser dirigido por um líder republicano, Rui Barbosa. Nesse momento, o posicionamento da empresa deixou de ser monarquista e passou a legalista a favor da República, porém contra a ditadura do então presidente Floriano Peixoto. Sabe-se que Rui Barbosa se associou a Joaquim Lúcio de Albuquerque Melo, juntos compraram o periódico por 70 contos de réis. (Bandeira, 1960: 40). Logo que assumiu a redação, Rui Barbosa mudou, no título, o Z de Brasil para S; nessa época o jornal começou a receber notícias telegráficas por meio do serviço da agência *Reuter-Havas*, que havia se instalado no Brasil em 1874. Quando se iniciaram as transmissões telegráficas, via cabo submarino, que ligou o país à Europa, esse novo avanço nas comunicações permitiu a publicação de notícias internacionais nos principais jornais brasileiros (Bahia, 1967: 129; Sodré, 1999: 215).

Com a prisão do almirante Eduardo Wandenkolk, acusado pelo governo de pirataria, Rui Barbosa, atuando como advogado, impetrou *habeas-corpus*, em seu favor. O documento foi publicado na edição do *Jornal do Brasil* de 31 de agosto de 1893 **(figura 3)**. Três dias depois o jornal foi empastelado. Com o início da revolta da Armada em 6 de setembro, Rui Barbosa publicou um artigo no qual atacava de forma contundente os partidários de Floriano Peixoto. Foi seu último artigo publicado antes de se refugiar na Inglaterra, face à prisão iminente. Apesar dos acontecimentos, o jornal, sob a direção de Joaquim Lúcio, continuou publicando o noticiário sobre a revolta, até que Floriano decretou estado de sítio e suspendeu a liberdade de imprensa (Silva, 1988: 46).

O *Jornal do Brasil* só voltou a circular no dia 15 de novembro de 1894, sob a direção de novos proprietários, a firma *Mendes e Cia*. A data escolhida para o lançamento, aniversário da Proclamação da República, indicava que o periódico não pretendia mais ser identificado como monarquista. De fato, a partir dessa nova fase, ele se voltaria para temas mais populares: notícias policiais, informações sobre problemas urbanos, etc. (Silva, 1988: 46). Para evidenciar a mudança, a numeração do jornal foi reiniciada – número 1, ano 4 – e a comemoração de aniversário do jornal passou a ser nessa nova data, o que, aliás,

era cômodo, já que as edições comemorativas nos dias 15 de novembro podiam dar mais ênfase à sua própria celebração do que às festividades da República **(figura 4)**. O dia em que o *Jornal do Brasil* voltou a circular coincidiu também com a posse do primeiro governo civil da República que substituiu Floriano Peixoto na presidência. Com Prudente de Moraes, iniciou-se o período que ficou conhecido como “política do café-com-leite”, durante o qual, através de acordos políticos entre as elites econômicas de São Paulo e Minas, a presidência da República foi ocupada ora por paulistas ora por mineiros.

A partir de então, teve início uma nova e longa fase do periódico, onde o *Jornal do Brasil* se intitularia, conforme o editorial do número de relançamento como: “legítimo e natural representante do povo”. A redação foi assumida por Fernando Mendes de Almeida que tomou iniciativas jornalísticas arrojadas para a época. A ida de Felisberto Freire, repórter que colaborava no jornal desde 1893, a Buenos Aires e a Montevideu para entrevistar o almirante Custódio José de Melo e outros brasileiros ali exilados, rendeu várias reportagens. Continuou divulgando diariamente as notícias da agência *Havas*, porém a seção que passou a ganhar destaque e possuir lugar cativo na capa era a do jogo do bicho (Sodré, 1999: 266).

Cruzando os dados obtidos acerca desse delicado momento histórico brasileiro e a trajetória do *Jornal do Brasil*, percebe-se como o periódico foi se transformando com as circunstâncias comerciais e políticas e com as posições das diversas direções que o controlaram, ou ainda do posicionamento político de seus redatores, dentre outros fatores.

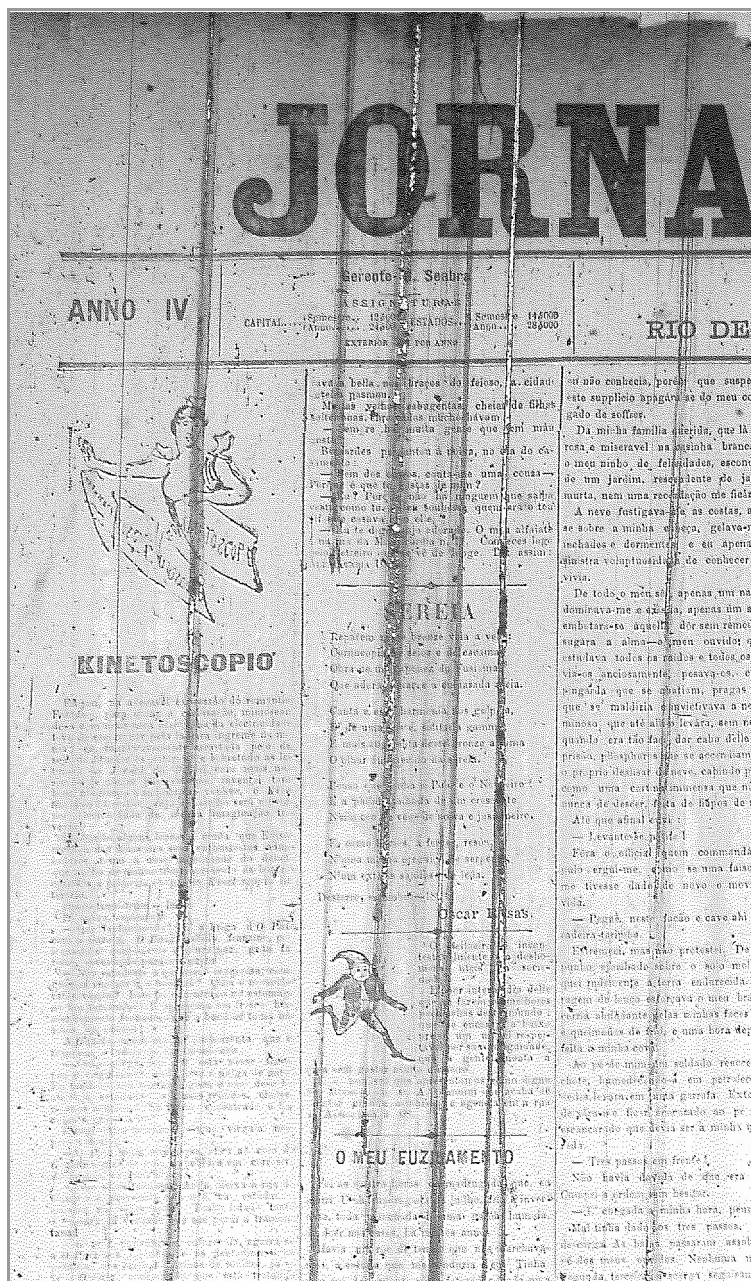


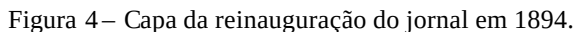
Figura 2 – Seção dedicada ao cinema em 1894.

**Em favor dos srs. almirante Wandenkolk, capitão-tenente Huet
Bacellar e 1º tenente Antônio Correia**

PETIÇÃO DIRIGIDA AO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Rey Barbosa, ven impetrou-vos *habeas corpus* e fôrce dos
ludios brasileiros Eduardo Wanderkoff, Duarte Huet Bacelar
da Guedes e Anílo Correia da Silva, assador e almirante e
meios, os outros oficiais, todos reformados, que se acham, ha
trenta dias, presos nas fortalezas de Santa Cruz, Lage e Villegai-
ne, como envolvidos no incidente do *Lighter*.

Figura 3– Documento publicado por Rui Barbosa contra o governo republicano, 1893.



2.2 A modernidade e suas implicações

O *Jornal do Brasil*, já estruturado como uma indústria e usufruindo avanços técnicos, iniciou a publicação de uma edição diária vespertina em 1900 que circulava às 15 horas. Nesse ano já era expedido para todo o país. Possuía uma tiragem extraordinária para a época, chegando a 62.000 exemplares diários em 1902. Para ilustrar a magnitude desses números, em 1900, quando a tiragem do periódico ainda era de 50.000 exemplares diários, o *Jornal do Brasil* se gabava por ser superior ao *La Prensa*, de Buenos Aires, que até o ano anterior era o de maior tiragem na América do Sul (Sodré, 1999: 274).

Em 1900, o jornal contava entre suas seções “Coisas da Política”; “Telegramas”, com muitas notícias internacionais recebidas das agências de notícias; “Queixas do Povo”, que trazia as reivindicações da população do Rio de Janeiro; “Folhetim Literário”; “Palcos e Salões”, com informações dos eventos culturais; “Seção Religiosa”; “Seção Forense”, “Sport”; publicava ainda, “Modinhas Populares”, com as letras das músicas; “A Bicharada”, com os palpites e resultados do jogo do bicho. Trazia ainda notícias de outros estados, como por exemplo, a seca que assolou o Ceará e foi destaque em reportagens e caricaturas. Havia também uma seção de modas com desenhos ilustrando as novidades. Ou seja, seu conteúdo ia além de apenas noticiar fatos ocorridos e reunia informações diversas para um público heterogêneo. Pelo fato de ser um dos jornais mais importantes do país e ser largamente distribuído, o *Jornal do Brasil* divulgava valores, imagens e elementos da cultura popular da capital da República, que eram absorvidos por todo o país.

Para exemplificar o caráter popular do *Jornal do Brasil*, é importante relatar que publicava a cobertura das festas populares, religiosas e do carnaval. Em janeiro já começava a ser veiculada a seção “Carnaval”, ela informava quais eram os clubes carnavalescos e os preparativos para a grande festa popular. Durante os dias do carnaval, a capa e algumas páginas do miolo eram dedicadas à publicação da cobertura dos bailes e blocos. Em 1901, cada festa ou clube mencionado era acompanhado por uma ilustração representando elementos característicos do carnaval, o que motivou a criação de uma página repleta de pequenas notas (**figuras 5 e 6**). Nesses dias a seção de modas deixava de lado as novidades parisienses e apresentava acessórios para serem usados nos eventos carnavalescos.

Isso ilustra como o jornal divulgava os eventos populares, irradiava as novidades e costumes da capital para todo o país.

No que diz respeito a inovações editoriais, começou a publicar um romance policial em quadrinhos, ilustrado por Julião Machado (Casimiro Miragy), em dezembro de 1902. O título da história, *Os irmãos da luva vermelha*, era apresentado com letras desenhadas sem serifa, em caixa alta. A estrutura de apresentação do romance era vertical, ocupando duas ou três colunas da capa. O texto e as ilustrações dividiam o espaço e suas dimensões alternavam entre uma e duas colunas (**figura 7**) (Sodré, 1999: 284-5). Além das duas edições diárias, a empresa ainda publicava uma edição semanal ilustrada, a *Revista da Semana*; uma edição mensal de informações úteis, o *Guia Mensal do Jornal do Brasil*, e uma edição anual com desenhos em cores e em preto e branco, o *Anuário Ilustrado do Jornal do Brasil*.

Uma característica importante do *Jornal do Brasil* no início do século foi a valorização das caricaturas, que eram publicadas diariamente e quebravam a monotonia da estrutura das páginas. As sátiras acerca da política, dos problemas nacionais, dos novos valores gerados com a modernidade eram importantes diferenciais do periódico e ajudavam a formar o público. Aos domingos o jornal ficava ainda mais interessante. Artur Lucas (Bambino) elaborava um resumo ilustrado dos acontecimentos da semana, que era publicado com grande destaque na capa (**figura 8**), além das diversas outras charges e caricaturas que invadiam também o miolo da publicação, de autoria dos demais ilustradores que trabalhavam para o jornal, como Celso Hermínio e Julião Machado (**figura 9**).

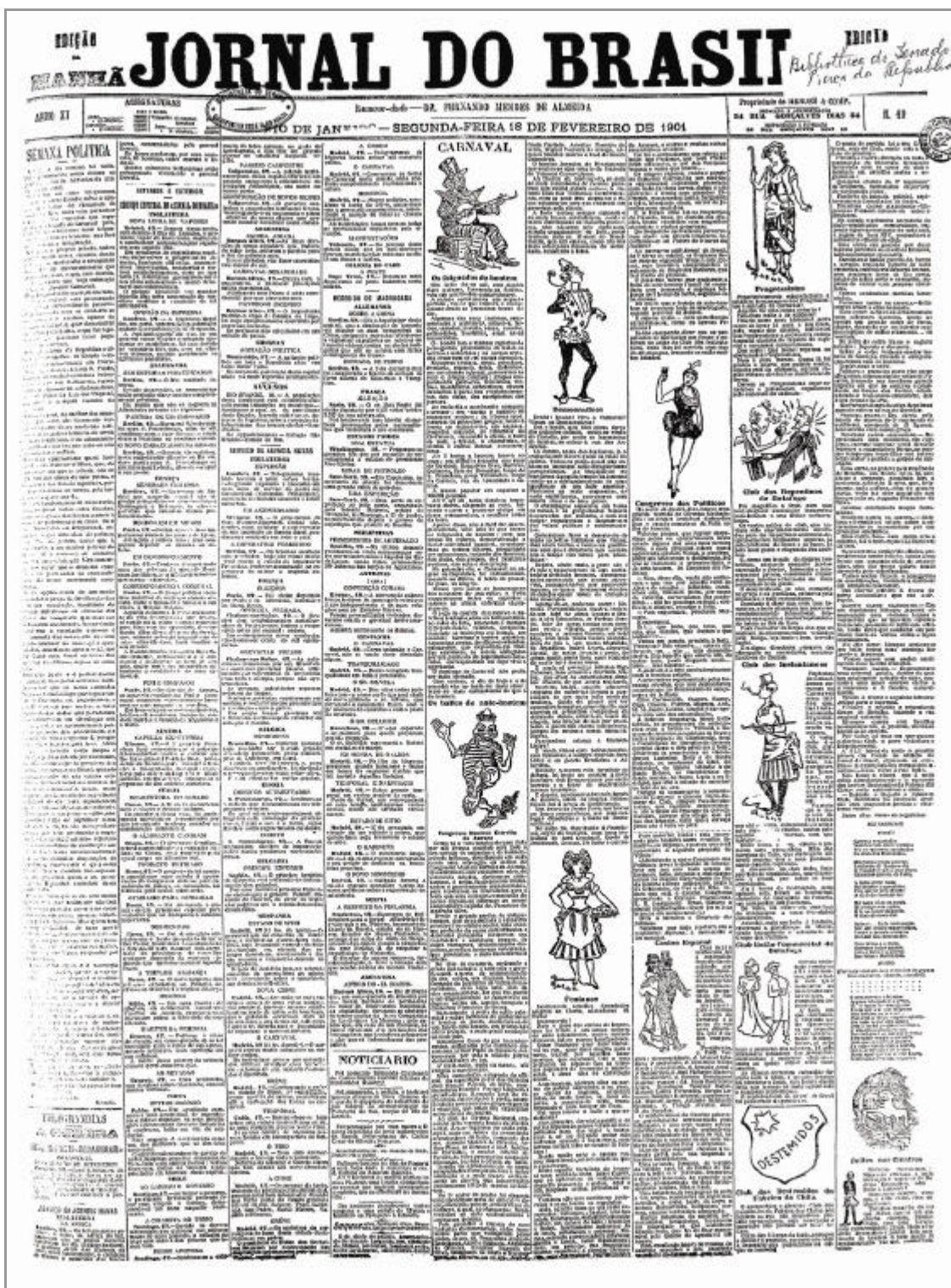


Figura 5 – Cobertura do carnaval de 1901.

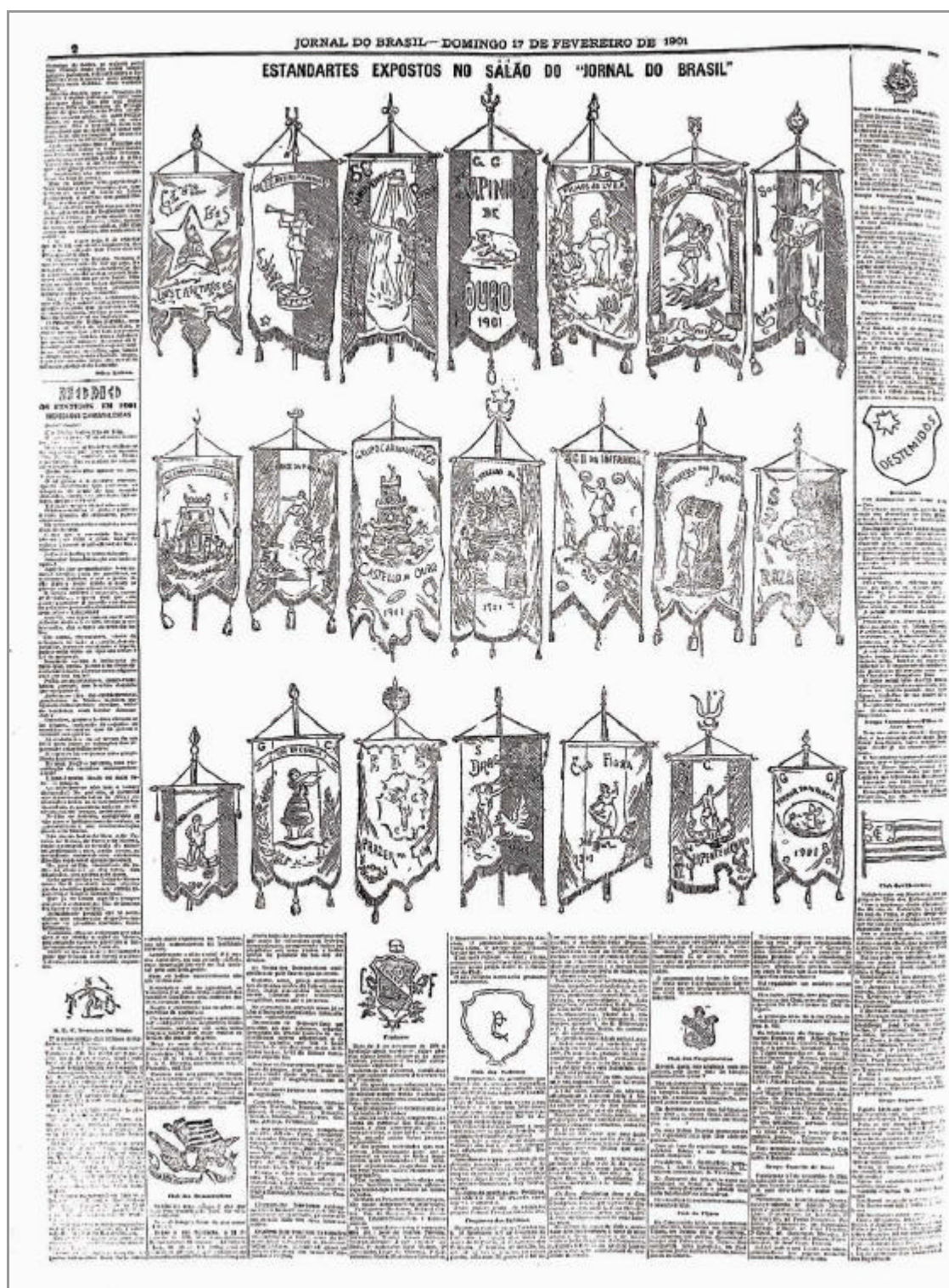


Figura 6– Cobertura do carnaval de 1901.

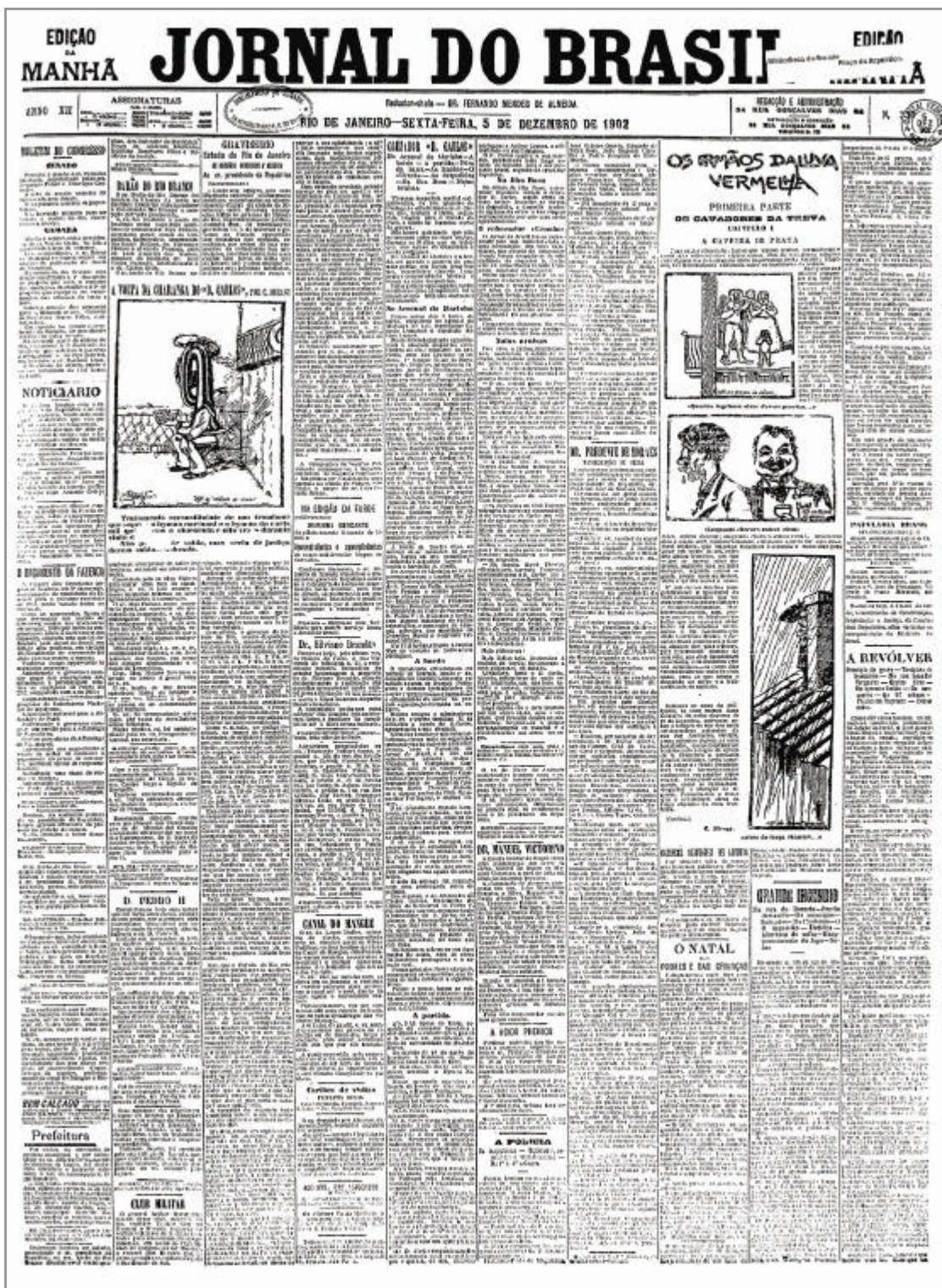


Figura 7 – Romance policial em quadrinhos, 1902.

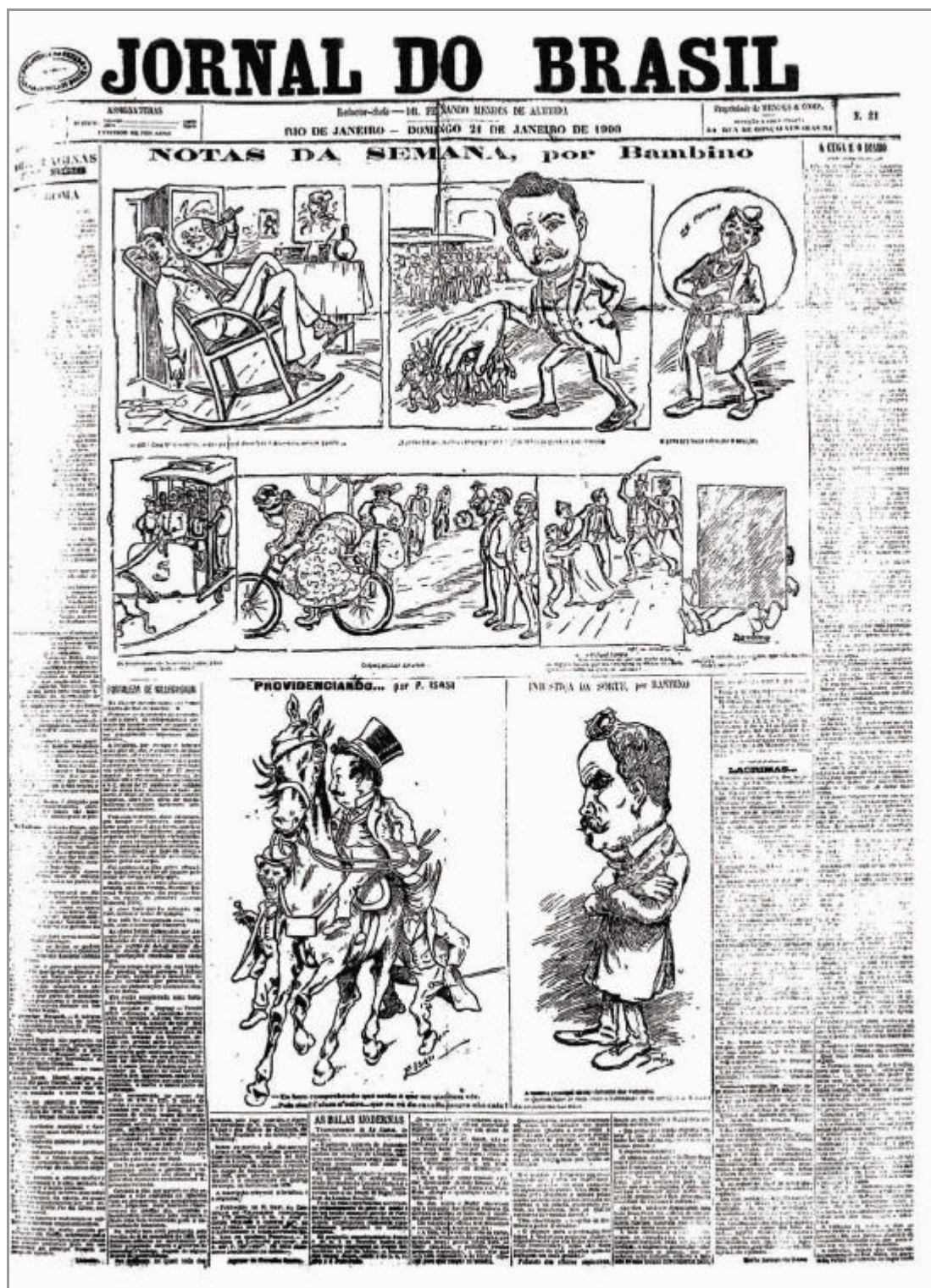


Figura 8 – Capa de edição dominical em 1900.



Figura 9 - Capa de edição dominical em 1900.

No dia 1º de Janeiro de 1902 o *Jornal do Brasil* informava seus investimentos em relação à ilustração, nesse momento era o que havia de mais moderno nas páginas dos periódicos diários:

Foi o Jornal do Brasil dos primeiros a introduzir a ilustração nas suas edições diárias. Toda a imprensa contemporânea adota essa tendência, que consiste em por ao serviço do Jornal a contribuição de todas as artes. Uns como o Fígaro, o aristocrático Fígaro limitam-se, em dias determinados, à caricatura do acontecimento palpitante da atualidade; outros, como Le Journal e Le Martin, os órgãos de maior circulação em França depois do Petit Journal e o New-York-Herald, New York Journal, New-York-World, da União Americana, ilustram largamente o local, o fait divers, o folhetim, o crime sensacional, a vida cidadã ou provincial. O Jornal do Brasil adota simultaneamente os dois processos e a caricatura diária alia o comentário ou elucidação gráfica da vida contemporânea, própria ou alheia. Os seus artistas são conhecidos; algumas das suas páginas têm sido aplaudidas pelos mais exigentes paladares do jornalismo europeu. É um serviço caro, bem o sabemos; mas não é uma razão para, não podendo custeá-lo, denegri-lo por pirronismo, por sistema ou por qualquer outra razão, nem decente nem artística (Jornal do Brasil, 1902).

É interessante a comparação que este texto faz entre os periódicos internacionais e as formas de utilização da ilustração no jornal diário. Num momento em que estavam se estabelecendo padrões e tecnologias e o público leitor ia se habituando às novidades, o *Jornal do Brasil* anuncia que utilizava as duas formas de ilustração descritas, a caricatura dos acontecimentos políticos e sociais aliada à ilustração que figurava como fotografia, enfatizando os acontecimentos sensacionais e a vida contemporânea. Os esforços para acompanhar o que era produzido em jornais respeitados mundialmente traduziram-se na contratação de profissionais gabaritados, que correspondiam à produção necessária, e ainda no investimento em tecnologia, como se pode constatar na segunda parte dessa citação:

Não contente, porém, com haver introduzido a ilustração nas suas edições diárias, o Jornal do Brasil adquiriu há um ano com sacrifício não pequeno, o material e a propriedade da Revista da Semana, dando ao público uma edição semanal ilustrada, cujos trabalhos de fotozincografia, de fotogravura, de litografia e cromotipia, honram as suas oficinas. Essa publicação é única no Brasil e foi criada com o tostão diário do povo. Até que outra apareça estamos, pois, no direito de considerá-la a melhor.

Literalmente, nos domínios da pura estética mental, os progressos do Jornal do Brasil têm sido mais lentos, subordinados, como não pode deixar de suceder, ao serviço de informações que, na imprensa diária contemporânea tudo pretere e protela. Mas, quem como nós, faz da sua profissão tão ale vantada e nobre idéia, certo não é insensível a beleza dos grandes espíritos do seu tempo, e por feliz se

dará no dia em que para regalo do cenáculo intelectual, as circunstâncias lhe permitirem associá-los à prosperidade da empresa (Jornal do Brasil, 1902).

O *Jornal do Brasil* iniciou a construção de sua nova sede na Avenida Central, principal ícone da grande reforma urbana que modificou o Rio de Janeiro no início do século², para aonde se deslocou todo o comércio de primeira linha da cidade. Na percepção geral, a modernidade estava ligada ao progresso e à tecnologia. Assim, nessa mesma época, o jornal comprou modernas máquinas que imprimiam em cores, os primeiros linotipos³ chegados ao Rio; e ainda, uma clicheria de sistema fotomecânico, que permitia a confecção de clichês através de processo fotográfico. Com todo esse investimento o jornal foi transformado em sociedade anônima e passou a ser comandado por Carvalho de Moraes, tendo como acionista Ernesto Pereira Carneiro⁴, responsável pelos setores comercial e financeiro (Silva, 1988: 47). Ainda em consequência das dívidas acumuladas com a modernização da empresa, em 1º de agosto de 1906, começaram a ser veiculados na capa pequenos anúncios, alteração gráfica que perdurou por décadas e, nessa época, se inspirou em jornais estrangeiros que usavam o mesmo recurso como o *New York Herald*, *The Times*, *La Prensa*, *La Nación* (**figura 10**) (Sodré, 1999: 325).

Desfrutando da nova tecnologia, em 1907, o jornal apresentou seu cabeçalho impresso em vermelho e produziu suplemento colorido, veiculado aos domingos e composto de quatro páginas, com oito colunas (**figura 11**). Os títulos eram pequenos e apresentados em tipografia sem serifa, para a separação horizontal das matérias eram utilizados finos fios duplos. O uso comedido de elementos gráficos tornava a página clara e limpa, as grandes imagens quebravam a monotonia da estrutura estática das páginas. As fotografias eram publicadas em tamanho maior que o usual e, muitas vezes, eram apresentadas em formatos inusitados; além disso, eram elaboradas composições interessantes unindo desenhos e ilustrações a meio-tom (**figura 12**). Os ilustradores

² De 1903 a 1906 a capital foi modificada radicalmente através de um plano de ações que ampliou e reformou o porto, demoliu centenas de imóveis para abrir diversas ruas no centro da cidade, e ainda, foram tomadas várias medidas a fim de livrar a cidade das epidemias que assolavam a população (Sevcenko, 1998: 22-23).

³ Linotipo – denominação de máquina para compor linhas-bloco com o auxílio de matrizes reunidas por meio de um teclado (Porta, 1958: 237).

⁴ Ernesto Pereira Carneiro, futuro conde papalino, tornou-se proprietário do jornal na década de 1920.





Figura 11 – Suplemento dominical em 1907.

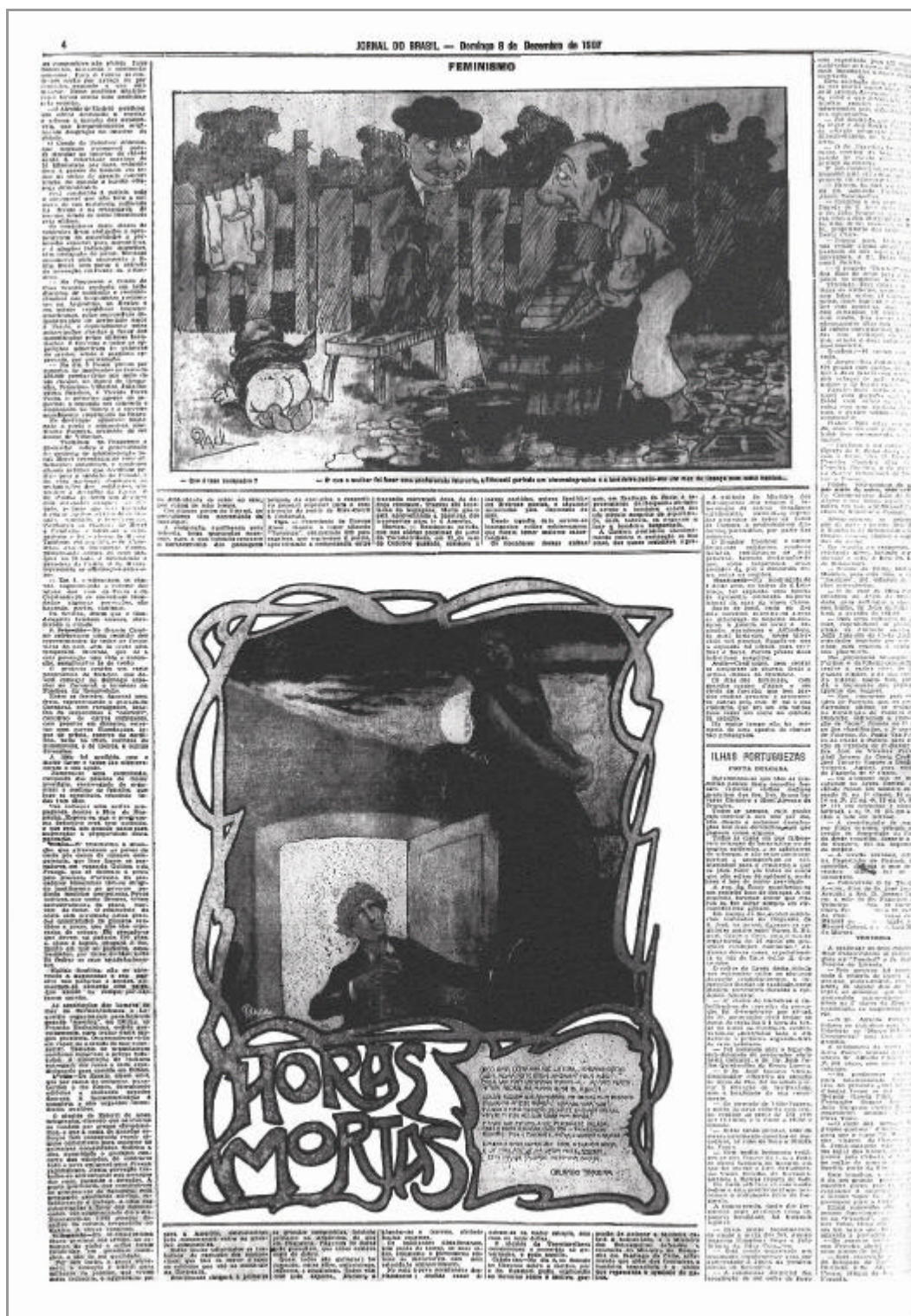


Figura 12 – Suplemento dominical em 1907. Composições interessantes.

que mais colaboravam nas edições desse ano foram Amaro, Bambino e Raul, com destaque para o último nos suplementos.

A nova sede do jornal, concluída em 1910, era na época o prédio mais alto da América Latina. O periódico continuou a vender como água. Nesse mesmo ano, com as notícias sobre a revolta dos marinheiros, chegou a produzir de 5 a 6 edições diárias. Nessa época existiam 40 agências do *Jornal do Brasil* espalhadas pela capital para receber os “pequenos anúncios de letras”, os classificados de hoje, e, também, para receber as reclamações da população que eram publicados gratuitamente na seção intitulada “Queixas do Povo” (Silva, 1988: 52).

Quanto às inovações editoriais, o jornal foi pioneiro quando passou a dedicar uma página inteira ao esporte, em 1912. O título da seção escrito em inglês, *Sport*, se apresentava com destaque e era composto por letras desenhadas cercadas de ilustrações de pessoas praticando vários tipos de atividades e de instrumentos representativos das modalidades: automobilismo, ciclismo, crianças patinando, jogador de futebol, cavaleiros, alvo de dardo, esgrima e até um avião, elemento que representava a modernidade. Existiam várias sub-seções, tais como, “Rowing” (remo), “Foot-ball”, “Natação”, “Cyclismo”, “Boxing”, “Athletismo”, “Patinagem”, “Lawn Tennis”, “Tiro”, “Luta”, “Aviação”. Chama atenção à mistura de títulos nas línguas portuguesa e inglesa, demonstrando a influência estrangeira então predominante. A veiculação de cada sub-seção dependia da existência de notícias sobre elas; a única que era publicada diariamente era “Foot-ball”. A página era publicada repleta de reportagens com cobertura de eventos esportivos e ilustrada com fotografias, principalmente, dos eventos e de personalidades importantes dos clubes esportivos.

O espaço dedicado aos esportes no *Jornal do Brasil* existe desde sua fundação, quando as notícias giravam em torno das corridas de cavalo promovidas no “*Jockey-Club*”. Porém, a utilização de uma página inteira para o assunto foi reflexo da popularização dos esportes no país. Com isso, a seção passou a ter mais destaque; foi observada uma diagramação peculiar no dia 17 de novembro de 1912, com o recorte de vários retratos em forma triangular e dispostos simetricamente, entretanto, inclinados, formando um conjunto no formato de um buquê (**figura 13**). Ainda em 1912, era publicada com destaque a seção “Agricultura e Pecuária”, ocupando página inteira, com título imponente e desenhado, com elementos representativos do assunto.



2.3 As consequências da I Guerra Mundial e os anos 1920

O *Jornal do Brasil* fez cobertura diária da Primeira Guerra Mundial dando-lhe destaque nas chamadas de capa sob o título: “Europa em Guerra”, ilustradas com fotografias (**figura 14**). As notícias telegráficas tiveram muita importância nessa época, ocupando grande parte da edição para divulgar cada movimentação da guerra e, muitas vezes, as matérias eram ilustradas com fotografias (**figura 15**). Segundo a visão de Sodré, o noticiário sobre o armistício, que marcou o fim da guerra, em 1918, “é moderno, movimentado, escandaloso mesmo” (**figura 16**) (Sodré, 1999: 346). Nessa época, as capas eram apresentadas repletas de classificados e, em alguns dias, caricaturas eram publicadas em meio aos pequenos anúncios. A manchete do armistício ocupou toda a metade superior da página, tomando o espaço cativo dos classificados da capa. A notícia foi destacada com quatro grandes títulos, ocupando toda a extensão da página, cada um deles composto em tipologias diferentes. Abaixo dos títulos, foram publicadas várias fotos de líderes de diversos países, com uma foto maior ao centro e, dos lados, fotos menores intercaladas a elementos decorativos que ora estavam alinhados no topo do espaço destinado às fotos, ora alinhados na base. Esse desalinhamento das fotografias é o que proporciona movimento à página, conforme constatou Sodré. No miolo foram publicadas diversas reportagens sobre o fim da guerra. Foram divulgados os telegramas importantes para o acontecimento numa página inteira composta de vários títulos e tópicos destacados, e ainda, fotografias de personalidades ligadas à guerra, intercaladas em meio ao texto (**figura 17**).

Uma das consequências da Primeira Guerra Mundial foi o encarecimento de vários produtos importados usados pela indústria gráfica, inclusive o papel jornal. Pode-se observar em 1918 os esforços do *Jornal do Brasil* na economia de espaço nas páginas onde apresentavam textos em corpos minúsculos e títulos menores do que o usual. Isso provocou uma séria crise financeira no *Jornal do Brasil*, já endividado com os investimentos de modernização. Até que, sem conseguir quitar as hipotecas feitas junto ao conde Pereira Carneiro, o jornal passou às suas mãos em 1919. A chefia de redação foi assumida por Assis Chateaubriand que viera de Pernambuco, e posteriormente seria um dos maiores nomes da história da imprensa brasileira (Sodré, 1999: 346).

A GRANDE GUERRA

O assassinato do Conde de Mirbach agita a opinião

A Alemanha manda tres corpos de exercito em socorro da Austria

O heroismo dos italianos na reconquista da zona entre o Piave Vecchio e Piave Nuovo

Boato do divorcio do Imperador da Austria e da Imperatriz Zita

A GUERRA NA FRENTE ITALIANA

A guerra na frente italiana continua a ser uma das mais importantes da guerra. Os italianos, sob o comando do General Cadorna, têm conseguido grandes vitórias, especialmente na região do Piave. A reconquista da zona entre o Piave Vecchio e Piave Nuovo é um exemplo de heroismo e coragem. Os italianos não hesitam em sacrificar suas vidas pela liberdade da pátria.

Em 1918, a Itália entrou na guerra ao lado da França e da Inglaterra. Desde então, a guerra na frente italiana tem sido caracterizada por grandes batalhas e sacrifícios. Os italianos têm mostrado uma grande capacidade de resistência e coragem, mesmo em condições extremamente difíceis.

A reconquista da zona entre o Piave Vecchio e Piave Nuovo é um exemplo de heroismo e coragem. Os italianos não hesitam em sacrificar suas vidas pela liberdade da pátria.

QUE DIEM OS COMANDANTES OFFICIAIS

Os comandantes oficiais da guerra italiana são homens de grande coragem e capacidade. Eles têm liderado suas tropas com firmeza e determinação, conseguindo grandes vitórias para a Itália.

Um dos comandantes mais importantes é o General Cadorna. Ele tem sido responsável por muitas das vitórias italianas na frente italiana. Sua liderança e coragem são exemplos para todos os soldados italianos.

O JAPÃO NA RUSSIA

O Japão tem se mostrado muito interessado na Rússia. Há rumores de que o Japão pode intervir na guerra, o que poderia mudar o curso dos acontecimentos.

Os japoneses têm mostrado uma grande capacidade de organização e disciplina. Eles têm sido muito eficazes em suas operações militares, especialmente na região do Extremo Oriente.

A morte de Muhammad V

A morte de Muhammad V, o sultão da Turquia, é uma notícia importante. Ele morreu de uma doença, deixando um legado de grande importância para o seu país.

Seu filho, Mehmed VI, assumiu o trono. Ele é considerado um homem de grande capacidade e coragem, e é esperado que ele continue a tradição de seu pai.

O Imperador Carlos e a Imperatriz Zita

Bento do seu divorcio — A Imperatriz Zita

O Imperador Carlos e a Imperatriz Zita têm sido o centro de muita especulação e rumor. Há boatos de que eles possam se divorciar, o que seria uma notícia muito sensacional.

A Imperatriz Zita é conhecida por sua beleza e elegância. Ela tem sido uma das figuras mais populares da corte imperial. No entanto, sua vida pessoal tem sido marcada por muitos problemas e dificuldades.



O Imperador Carlos e a Imperatriz Zita

Os rumores de um possível divórcio entre o Imperador Carlos e a Imperatriz Zita têm causado muita especulação. No entanto, até agora, não há nenhuma confirmação oficial.

A Imperatriz Zita tem sido muito discreta sobre sua vida pessoal. Ela prefere manter sua vida privada longe dos holofotes da imprensa.

NA ALEMANHA

Vozes de guerra e de paz

Na Alemanha, há uma grande divisão de opiniões sobre a guerra. Alguns acreditam que a Alemanha deve continuar a lutar, enquanto outros acreditam que é hora de buscar a paz.

Os alemães têm mostrado uma grande capacidade de resistência e coragem. No entanto, a guerra tem causado muitos problemas para o povo alemão, especialmente em termos de economia e saúde.

OS COMANDANTES DA GUERRA

Os comandantes da guerra são homens de grande importância. Eles são responsáveis por liderar as tropas e tomar decisões importantes sobre o curso da guerra.

Um dos comandantes mais importantes é o General Hindenburg. Ele tem sido responsável por muitas das vitórias alemãs na guerra.

O General Hindenburg

O General Hindenburg é um dos comandantes mais importantes da Alemanha. Ele tem sido responsável por muitas das vitórias alemãs na guerra.

Sua liderança e coragem são exemplos para todos os soldados alemães. Ele é considerado um dos maiores generais da história da Alemanha.

A INFLUENZA ESPANHOLA

A Influenza Espanhola é uma doença muito perigosa. Ela tem causado muitas mortes em todo o mundo, especialmente entre os soldados da guerra.

Os médicos estão trabalhando para encontrar uma cura para a doença. No entanto, até agora, não há nenhuma cura conhecida.

Mundo Sul-Americano

O mundo sul-americano tem sido muito afetado pela guerra. Há rumores de que alguns países sul-americanos podem intervir na guerra, o que poderia mudar o curso dos acontecimentos.

Os países sul-americanos têm mostrado uma grande capacidade de resistência e coragem. Eles têm sido muito eficazes em suas operações militares.

A GUERRA NA RUSSIA

A situação de Volkhov

A guerra na Rússia tem sido muito importante. A situação de Volkhov é uma das mais importantes da guerra. Os russos têm mostrado uma grande capacidade de resistência e coragem.

Os alemães têm conseguido grandes vitórias na região de Volkhov. No entanto, os russos não se desanimaram e continuam a lutar com firmeza.

ESTADOS UNIDOS

O papel dos Estados Unidos

O papel dos Estados Unidos na guerra é muito importante. Eles têm fornecido muita ajuda aos aliados, especialmente em termos de suprimentos e equipamentos.

Os Estados Unidos têm mostrado uma grande capacidade de organização e disciplina. Eles têm sido muito eficazes em suas operações militares.

A GUERRA NA RUSSIA

A situação de Volkhov

A guerra na Rússia tem sido muito importante. A situação de Volkhov é uma das mais importantes da guerra. Os russos têm mostrado uma grande capacidade de resistência e coragem.

Os alemães têm conseguido grandes vitórias na região de Volkhov. No entanto, os russos não se desanimaram e continuam a lutar com firmeza.

OS COMANDANTES DA GUERRA

Os comandantes da guerra são homens de grande importância. Eles são responsáveis por liderar as tropas e tomar decisões importantes sobre o curso da guerra.

Um dos comandantes mais importantes é o General Hindenburg. Ele tem sido responsável por muitas das vitórias alemãs na guerra.

O General Hindenburg

O General Hindenburg é um dos comandantes mais importantes da Alemanha. Ele tem sido responsável por muitas das vitórias alemãs na guerra.

Sua liderança e coragem são exemplos para todos os soldados alemães. Ele é considerado um dos maiores generais da história da Alemanha.

A INFLUENZA ESPANHOLA

A Influenza Espanhola é uma doença muito perigosa. Ela tem causado muitas mortes em todo o mundo, especialmente entre os soldados da guerra.

Os médicos estão trabalhando para encontrar uma cura para a doença. No entanto, até agora, não há nenhuma cura conhecida.

Mundo Sul-Americano

O mundo sul-americano tem sido muito afetado pela guerra. Há rumores de que alguns países sul-americanos podem intervir na guerra, o que poderia mudar o curso dos acontecimentos.

Os países sul-americanos têm mostrado uma grande capacidade de resistência e coragem. Eles têm sido muito eficazes em suas operações militares.

A GUERRA NA RUSSIA

A situação de Volkhov

A guerra na Rússia tem sido muito importante. A situação de Volkhov é uma das mais importantes da guerra. Os russos têm mostrado uma grande capacidade de resistência e coragem.

Os alemães têm conseguido grandes vitórias na região de Volkhov. No entanto, os russos não se desanimaram e continuam a lutar com firmeza.

ESTADOS UNIDOS

O papel dos Estados Unidos

O papel dos Estados Unidos na guerra é muito importante. Eles têm fornecido muita ajuda aos aliados, especialmente em termos de suprimentos e equipamentos.

Os Estados Unidos têm mostrado uma grande capacidade de organização e disciplina. Eles têm sido muito eficazes em suas operações militares.

A GUERRA NA RUSSIA

A situação de Volkhov

A guerra na Rússia tem sido muito importante. A situação de Volkhov é uma das mais importantes da guerra. Os russos têm mostrado uma grande capacidade de resistência e coragem.

Os alemães têm conseguido grandes vitórias na região de Volkhov. No entanto, os russos não se desanimaram e continuam a lutar com firmeza.

OS COMANDANTES DA GUERRA

Os comandantes da guerra são homens de grande importância. Eles são responsáveis por liderar as tropas e tomar decisões importantes sobre o curso da guerra.

Um dos comandantes mais importantes é o General Hindenburg. Ele tem sido responsável por muitas das vitórias alemãs na guerra.

O General Hindenburg

O General Hindenburg é um dos comandantes mais importantes da Alemanha. Ele tem sido responsável por muitas das vitórias alemãs na guerra.

Sua liderança e coragem são exemplos para todos os soldados alemães. Ele é considerado um dos maiores generais da história da Alemanha.

A INFLUENZA ESPANHOLA

A Influenza Espanhola é uma doença muito perigosa. Ela tem causado muitas mortes em todo o mundo, especialmente entre os soldados da guerra.

Os médicos estão trabalhando para encontrar uma cura para a doença. No entanto, até agora, não há nenhuma cura conhecida.

Mundo Sul-Americano

O mundo sul-americano tem sido muito afetado pela guerra. Há rumores de que alguns países sul-americanos podem intervir na guerra, o que poderia mudar o curso dos acontecimentos.

Os países sul-americanos têm mostrado uma grande capacidade de resistência e coragem. Eles têm sido muito eficazes em suas operações militares.

Figura 15 – As notícias telegráficas foram importantes na divulgação dos acontecimentos da I Guerra Mundial.

JORNAL DO BRASIL

Redacção-chefe — DR. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA

ANO XXVII

RIO DE JANEIRO — TERÇA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO DE 1918

N. 214

A VICTORIA DOS ALLIADOS

FOI ASSIGNADO O ARMISTICIO — A GUERRA VIRTUALMENTE TERMINADA

O Kaiser foge para a Hollanda--A sorte que vão tendo os Reis e Príncipes da Allemanha--As condições do armistício

O "Jornal do Brasil" publica telegrammas importantes desses acontecimentos e das manifestações de regosijo realizadas em toda a parte

The front page of the *Jornal do Brasil* from November 12, 1918, is a historical document capturing the moment of the Armistice. The masthead at the top identifies the newspaper as being in its 27th year, published in Rio de Janeiro on Wednesday, November 12, 1918, at issue number 214. The main headline, "A VICTORIA DOS ALLIADOS" (The Victory of the Allies), is prominently displayed in large, bold letters. Below it, a sub-headline states, "FOI ASSIGNADO O ARMISTICIO — A GUERRA VIRTUALMENTE TERMINADA" (The Armistice was signed — the war is virtually over). A further headline reads, "O Kaiser foge para a Hollanda--A sorte que vão tendo os Reis e Príncipes da Allemanha--As condições do armistício" (The Kaiser flees to Holland--The fate of the Kings and Princes of Germany--The conditions of the armistice). A line of text below the headline mentions that the newspaper is publishing important telegrams and expressions of joy from across the country.

The page features several portraits of key figures: Kaiser Wilhelm II of Germany, King George V of the United Kingdom, King Albert I of Belgium, President Woodrow Wilson of the United States, and King Manuel II of Portugal. Each portrait is accompanied by a caption identifying the individual and their title. The lower portion of the page is filled with columns of text, including a section titled "EXPEDIENTE" (Publication Details) on the left and various news articles and telegrams throughout the rest of the page.

Figura 16— Capa sobre o armistício em 1918.

Com as mudanças na diretoria e na redação, ocorreram mudanças gráficas também. A estrutura das páginas continuou semelhante, mas os títulos ganharam maior destaque, ocupando muitas vezes duas ou três colunas; já as manchetes ocupando toda a extensão da página tornaram-se comuns. Ainda em 1920, passou a ser veiculada diariamente a seção “Diário Desportivo”, que possuía várias sub-seções apresentadas com título desenhado. Esse aspecto gráfico, do cuidado em destacar os subtítulos com ilustrações, reforça o caráter popular do periódico e seus esforços em tornar suas páginas interessantes.

Segundo Sodré, na década de 1920 a imprensa brasileira se consolidou com estrutura empresarial, tornando-se mais raros os jornais e revistas de vida efêmera (Sodré, 1999: 371-2). Nesse período, jornais mais antigos agilizaram seus noticiários, e o *Jornal do Brasil* começou a receber os serviços da *United Press*, em 1922. Dois anos depois, passou a publicar uma seção inédita sobre rádio, que, a princípio, divulgava a quem havia sido concedida licença para instalação de aparelhos radiotelefônicos e anunciava sua erudita programação diária. Apesar de não ter recebido destaque no jornal, essa seção existiu por anos. O jornal também publicava a revista “Palcos e Salões”, que ocupava, geralmente, seis das oito colunas da página (**figura 18**). Seu título era composto em caixa alta, com tipografia de serifas quadradas e em negrito, era acompanhado por ornamentos de estilo vagamente *art nouveau*. O conteúdo dessa seção era voltado aos acontecimentos culturais, divulgava e criticava filmes, peças teatrais, circos, danças, músicas e outros eventos. As sub-seções fixas dessa revista eram “Música”, “Novas e Ecos”, “Pelos Circos”, “Jardim Zoológico” e “Cinemas”.

O jornal estava sempre investindo em inovações e acompanhando as mudanças de comportamento e interesses da população. Quando, em 1929, apareceu o cinema falado, o jornal logo passou a dedicar uma página inteiramente ao assunto (Sodré, 1999: 364-5). Segundo Sevcenko, o cinema de Hollywood, no seu apogeu, exerceu efeito profundo na mudança do comportamento e dos padrões de gosto e consumo no mundo todo (Sevcenko, 1999: 398-9). Diariamente era publicada a seção “Cinemas e Filmes”, que informava os lançamentos, a programação do que estava sendo exibido na cidade e publicava fotografias. Todavia, era aos domingos que o assunto ganhava destaque e se estendia a uma página inteira. O título mudava para “Cinema, a realidade – sonho...”, era composto em tipografia sem serifa e em negrito e ocupava toda a extensão da

página. Além dos textos, eram publicadas diversas fotografias de cenas dos filmes e dos famosos atores hollywoodianos. A composição gráfica da página se destacava das demais do periódico, já que era diagramada sem os fios verticais de separação das colunas (**figura 19**).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610429/CA

2.4 Censura Vargas e o “jornal das cozinheiras”

Durante o período de campanha presidencial, que se iniciou em 1929 e durou até a Revolução de 1930, a maioria da imprensa apoiou a Aliança Liberal. Com o golpe e a tomada do poder, a imprensa que apoiara a situação anterior foi liquidada e os periódicos que não foram destruídos sofreram graves consequências e não puderam voltar a circular de imediato. O *Jornal do Brasil* foi invadido, empastelado, ficou sem circular por quatro meses. Sua reabertura só foi possível com a substituição de Aníbal Freire por Brício Filho, que censurava as matérias antes de serem publicadas (Sodré, 1999: 371-376). Assim, o posicionamento do jornal em relação ao governo provisório foi de cautela: agiu timidamente quando fez críticas ao governo e se colocou a favor da campanha pela reconstitucionalização.

No início dos anos 1930 a imprensa brasileira lidava com os problemas econômicos do país e com a censura. Só em 1933, com a convocação da Assembléia Constituinte, é que o *Jornal do Brasil* voltou a se engajar mais abertamente nas lutas políticas. Isso ocorreu, principalmente, porque o conde Pereira Carneiro se candidatou à Constituinte pelo partido Autonomista do Distrito Federal e o jornal passou a ser um de seus veículos de divulgação. No ano seguinte, apoiou a Constituinte por trazer o país de volta à legalidade; porém, não aceitou o continuísmo de Vargas.

O *Jornal do Brasil* passava por problemas financeiros desde o início da década, apesar de ter se reestruturado internamente e mantido relacionamento estável com o governo. Para reorganizar as finanças da empresa, Pereira Carneiro convidou José Pires do Rio para assumir o cargo de diretor-tesoureiro. Pires do Rio⁵ assumiu sua nova função em 1934, e o jornal foi reestruturado. Para ele era preciso transformar o periódico num “boletim de anúncios”, dando ênfase aos classificados. Questões políticas, culturais e outros assuntos passaram a ter menos destaque. Defendia o abandono do interesse tradicional pelas artes e pela literatura; a seu ver, os literatos deveriam ser afastados gradativamente da empresa. Além disso, sua postura em relação à contenção de despesas provocou

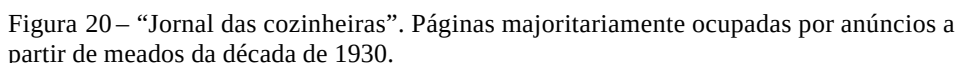
⁵ José Pires do Rio nasceu em 26 de novembro de 1880, em Guaratinguetá (SP). Formou-se em engenharia e farmácia. Trabalhou nas obras do porto do Rio de Janeiro de 1906 a 1910, foi ministro, deputado federal e por fim diretor-tesoureiro do *Jornal do Brasil*, cargo que ocupou até o fim de sua vida (Abreu, 2001, vol.5: 5067-8).

inúmeros atritos com os funcionários. Dessa forma, o *Jornal do Brasil* foi aos poucos perdendo sua importância como órgão noticioso e, com as páginas majoritariamente ocupadas por anúncios, o jornal passou a ser chamado, pejorativamente, de “jornal das cozinheiras” (**figura 20**) (Abreu, 2001, vol.3: 2869).

Em 1935 eclodiu uma tentativa de golpe comunista, mas a falta de coordenação entre os diversos núcleos facilitou a repressão do governo, que liquidou a Intentona Comunista e prendeu milhares de pessoas. Sob pretexto desse episódio, foi decretado estado de sítio, e a imprensa foi censurada em todo o país. Os jornais de oposição ao governo perderam seu poder de crítica e sofreram com os embargos de fornecedores e banqueiros; tornou-se impossível a continuidade perante a situação imposta (Sodré, 1999: 380). O *Jornal do Brasil*, com seu novo posicionamento comercial, repudiou a revolta comunista e não sofreu repressão do governo. (Abreu, 2001, vol.3: 2869).

Em 1937, Vargas decretou o Estado Novo. A imprensa nacional foi calada com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão cuja atribuição era controlar todos os meios de comunicação através da censura e também divulgar os ideais do Estado Novo às camadas populares. Apesar do *Jornal do Brasil* ter apoiado a candidatura oposicionista de Armando Sales à presidência da República, considerou o golpe do Estado Novo uma solução para a crise política. Durante todo o período da ditadura de Vargas, o jornal manteve relações cordiais com o DIP e demonstrou simpatia em relação à legislação trabalhista e à política econômica do governo (Abreu, 2001, vol.3: 2869).

Uma das consequências da implantação da censura foi o empobrecimento da caricatura, que perdeu espaço na imprensa nacional. Profissionais de primeira linha que trabalhavam para jornais e revistas ilustrados ficaram de mãos atadas sem poder satirizar o governo. Foram oito anos de asfixia com a falta de liberdade. Só com a Segunda Guerra Mundial é que a caricatura novamente recomporia sua feição, expressando o sentimento popular contra o totalitarismo externo (Sodré, 1999: 383-4). Verificou-se que no *Jornal do Brasil* não há publicação de caricaturas durante esse período. A fotografia ganhou maior espaço e suprimiu de vez a arte que abrilhantou suas páginas durante décadas. As ilustrações se limitaram aos anúncios publicitários e às tirinhas publicadas esporadicamente.



Com os esforços pela democratização, em 1945, o *Jornal do Brasil* se posicionou contra o governo. Porém, o periódico não se engajou abertamente na campanha eleitoral, limitou-se a mostrar simpatia pelo candidato da oposição Eduardo Gomes, em virtude das relações pessoais deste com Pires do Rio. A deposição de Vargas e o curto período de governo de José Linhares, que nomeou Pires do Rio ministro da Fazenda, foi totalmente apoiado pelo jornal. Também foi bem aceita pelo jornal a vitória de Dutra e suas medidas contra o Partido Comunista, que teve o registro cancelado em 1947. Na campanha presidencial de 1950, o periódico novamente não se engajou e só demonstrou simpatia por Eduardo Gomes. Com a vitória de Vargas e a tentativa da oposição de questionar a posse do candidato eleito, o *Jornal do Brasil* posicionou-se a favor da legalidade, ou seja, de Vargas (Abreu, 2001, vol.3: 2869).

A Era Vargas acarretou consequências financeiras que transformaram a trajetória do periódico, alterando seu posicionamento e até sua apresentação gráfica. Principalmente no que diz respeito à grande ênfase dada aos classificados e também em relação ao desaparecimento das caricaturas do jornal. É interessante observar como esse período se compara com a primeira década de vida do *Jornal do Brasil*, quando seu posicionamento político também afetou radicalmente a empresa, que precisou mudar de proprietário e partido diversas vezes, até se tornar sucesso nacional e ficar conhecido como *Popularíssimo*, apelido divulgado pelo próprio jornal. Os desfechos desses dois períodos conturbados, a última década do século XIX e a Era Vargas, apresentaram mudanças significativas que alavancaram as vendas e tornaram o *Jornal do Brasil* parâmetro nacional. A transição do “jornal das cozinheiras” para ser novamente uma folha noticiosa será abordada a seguir.

2.5 Reestruturação gráfica

Com a morte de José Pires do Rio em 1950, principal defensor da predominância dos classificados no jornal, e, posteriormente, com o afastamento do conde Pereira Carneiro por motivo de saúde e seu falecimento em 1953, o jornal se reestruturou. A condessa Pereira Carneiro,⁶ com o auxílio de seu genro Nascimento Brito,⁷ assume a direção do jornal, adquire equipamentos gráficos e recursos técnicos necessários para sua modernização. (Abreu, 2001, volume 1: 828; Egypto e Priolli, 1990: 27). Convencida de que era necessário mudar o jornal ou ele não sobreviveria, a condessa Pereira Carneiro viajou para os Estados Unidos à procura de soluções aplicáveis à sua empresa. Durante essa fase de transição, o periódico manteve-se neutro em relação aos acontecimentos políticos, não participando das principais campanhas empreendidas pelo governo Vargas (Abreu, 2001, vol.3: 2869).

O surgimento do Suplemento Dominical, criado por Reynaldo Jardim em 1956, foi a primeira alteração no jornal sob a nova direção e seu sucesso estimulou as alterações posteriores. Nascimento Brito assumiu o cargo de diretor-executivo da empresa em 1956, e uma das suas primeiras medidas foi contratar o jornalista Odylo Costa Filho para coordenar a reformulação do jornal. Para realizar as mudanças que o *Jornal do Brasil* necessitava, Odylo organizou uma nova equipe, composta por jovens jornalistas que trabalhavam no *Diário Carioca*, conhecido por sua leveza, graça e charme, e, na agressiva *Tribuna da Imprensa*. Os profissionais que se destacavam na equipe eram Jânio de Freitas, Carlos Castelo Branco, Carlos Lemos, Wilson Figueiredo, Amílcar de Castro, Hermano Alves, Lúcio Neves, Luís Lobo, Ferreira Gullar e José Carlos de Oliveira. Com a equipe renovada, o jornal passou a ampliar seu noticiário e o número de páginas de suas edições. Apesar de ainda não haver um plano de ações definido, começaram a fazer experimentações, como a publicação de uma fotografia na capa, em meio aos anúncios, em 1957, ou ainda, a re-organização da página de

⁶ Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro, filha do escritor, jornalista e político João Dunshee de Abranches Moura, deputado federal de 1906 a 1917. Casou-se com o conde Pereira Carneiro em 1942, quando ambos eram viúvos.

⁷ Manoel Francisco do Nascimento Brito nasceu em 02 de agosto de 1922, no Rio de Janeiro. Formou-se em direito em 1946, nesse mesmo ano casou-se com a enteada do conde Pereira Carneiro e assumiu a superintendência do sistema *Jornal do Brasil*, que incluía o jornal, a agência de notícias, uma gráfica e redes de rádio (Abreu, 2001, vol.1: 828-9).

esportes, que funcionou como um laboratório de experiências (Lessa, 1995: 18-21).

Todas essas mudanças e experimentações culminaram, no final da década, na modificação estrutural e gráfica mais célebre na história dos jornais impressos brasileiros. Em 1959, a primeira página foi radicalmente reestruturada e o noticiário voltou a fazer parte da mesma **(figura 21)**. No ano seguinte, concretizaram-se as principais modificações gráficas, sob a orientação de Amílcar de Castro: os classificados passaram a ocupar um caderno separado, o *Caderno C*, ainda surgiu o *Caderno B*, onde eram publicadas as notícias sobre as artes em geral, especialmente sobre cinema e teatro (Abreu, 2001, vol.3: 2870). Com o sucesso das modificações editoriais e gráficas, o *Jornal do Brasil* passou a servir de referência para periódicos em todo o Brasil e essa transformação tornou-o objeto de estudo, principalmente, para comunicólogos e designers.

